

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

**UM NARRADOR À ESPREITA – LAÇOS FAMILIARES E RELAÇÕES
DE CLASSE EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM**

ANDRÉ SPILLER FERNANDES

Brasília
Julho – 2019

ANDRÉ SPILLER FERNANDES

**UM NARRADOR À ESPREITA – LAÇOS FAMILIARES E RELAÇÕES
DE CLASSE EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de
Brasília como pré-requisito para a
Graduação em Letras Português

Orientadora: Ana Laura dos Reis
Corrêa

Brasília

Julho – 2019

RESUMO

A obra de Milton Hatoum trata frequentemente das relações complicadas entre a dinâmica familiar das personagens e as contradições da sociedade brasileira. Em *Dois Irmãos*, o narrador conta a história de sua família a partir da observação do ambiente familiar e dos fragmentos que lhe chegam por pessoas de sua relação imediata – a mãe, o avô, os amigos. O foco narrativo demonstra a relação distanciada deste com sua história, uma vez que, por ser filho da criada, nunca foi oficialmente reconhecido pela família do pai. Com base em leituras do materialismo histórico dialético, busca-se demonstrar que o foco narrativo da obra sinaliza que as relações de classe no Brasil são mais fortes e profundas que os laços familiares, a ponto de uma família árabe em Manaus no século XX reproduzir os mecanismos de exclusão social e apagamento de descendência que ocorrem historicamente no Brasil.

Palavras-chave: foco narrativo; relações de classe; laços familiares.

ABSTRACT

Milton Hatoum's work often deals with the complicated relationship between the characters' family dynamics and Brazil's contradictions. In *The Brothers*, the narrator tells his family's story based on his observations and fragments he obtains from people closely related to him (his mother, his grandfather, friends). The book's narrative point of view demonstrates his distanced relation to his own history, since he was never officially recognized as a member of his father's family, due to the fact that he was the maid's son. Based on the dialectical historical materialism perspective, this paper aims to demonstrate how the novel's point of view indicates that class relations in Brazil are stronger and deeper than family ties, to the point that an Arab family in the city of Manaus in the 20th century would reproduce social mechanisms of exclusion and erasure typical of Brazil's history.

Keywords: narrative point of view; class relations; family ties.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| 1. FOCO NARRATIVO: AS FONTES DE NAEL | 6 |
| DOMINGAS | 7 |
| HALIM | 8 |
| TESTEMUNHO DE NAEL | 9 |
| 2. UM HERÓI MEDIANO NA PERIFERIA | 12 |
| 3. O DESTINO DE NAEL E O DESTINO DO BRASIL | 17 |
| CONCLUSÃO | 20 |
| REFERÊNCIAS | 22 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, buscando demonstrar que há, na organização desta, indícios da rígida estrutura de classe da sociedade brasileira. O narrador Nael, que é filho da criada com um dos dois irmãos, conta, de maneira oblíqua e incerta, a história de sua família desde antes de seu nascimento, com a vinda dos avós paternos do Líbano a Manaus, até tornar-se adulto. Ao longo da narrativa, expõe os conflitos entre os membros da família, que se travam enquanto a cidade de Manaus se desenvolve, se urbaniza e lida com a decadência econômica causada pelo fim do ciclo da borracha.

O título do romance refere-se a Yaqub e Omar, irmãos gêmeos que vivem em conflito desde a infância. Os irmãos são filhos de Halim e Zana, comerciantes libaneses que migraram a Manaus na primeira metade do século XX. Domingas, a empregada da família, é uma órfã que Zana “pegou para criar” quando recém-casada. A narrativa desenvolve-se em torno do mistério de qual dos dois irmãos engravidou Domingas - portanto, quem é o pai de Nael. No entanto, concentrar-se nisso apenas desvia a atenção do fato indiscutível de que o narrador é descendente daquela família, pois, independentemente de ser filho de Yaqub ou de Omar, é neto de Zana e de Halim.

Apesar desse fato, depreende-se que os avós sempre trataram Nael como filho de Domingas, reservando-lhe o mesmo espaço físico e social da mãe. A posição de Nael perante sua família é, portanto, a de um agregado, pois o fato de ser filho da empregada é mais relevante do que o fato de ser filho de um dos irmãos. Não obstante, a família ignora a ascendência de Nael e continua a tratá-lo como subalterno, apesar de descendente.

Essa situação reproduz a histórica relação de violência sexual e dominação presentes nos núcleos familiares desde os primórdios da sociedade brasileira, quando as escravas tinham filhos de seus patrões. Em uma sociedade na qual a raça determinava a posição social do indivíduo, a criança mestiça tinha a mesma posição da mãe e muitas vezes acabava por ser escravizada pelo próprio pai. É interessante que esse perverso padrão de sociabilidade, vigente nas fazendas canavieiras do Nordeste brasileiro do século XVII, se reproduza em uma obra sobre uma família comerciante de imigrantes na cidade de Manaus do século XX, e que essa representação seja verossímil. Isso sugere

que a divisão rígida de classe é uma constante da sociedade brasileira. As relações de classe no Brasil, inclusive, prevalecem às relações familiares.

Esse problema, que impõe a Nael um lugar enviesado na família, expressa-se no foco narrativo do texto. Este trabalho pretende demonstrar como isso acontece e de que forma o conteúdo social estrutura a narrativa. Para esse fim, buscou-se apoio na perspectiva materialista histórico-dialética, particularmente de textos de György Lukács sobre teoria da literatura. No entanto, como o filósofo desenvolveu suas categorias baseado na leitura de obras clássicas da literatura europeia, os conceitos e as hipóteses aqui desenvolvidos devem ser adaptados às especificidades do Brasil. Por isso, foram consultados textos de Roberto Schwarz e Hermenegildo Bastos, a fim de entender como o romance *Dois Irmãos* se relaciona com a realidade social do país e com o acumulado histórico da literatura brasileira.

O texto estrutura-se em três partes. Na primeira, pretende-se analisar o foco narrativo da obra. Nessa análise, as principais fontes do narrador serão apontadas, com o objetivo de demonstrar como ele tomou conhecimento dos acontecimentos que narra. Além disso, será desenvolvida uma hipótese acerca da possível relação entre sua posição social e sua posição de mero observador no desenrolar da história da família. Na segunda parte, serão discutidos a caracterização de Nael, as correntes sociais com que entra em contato, os conflitos que enfrenta, aventando-se a possibilidade de que o narrador seja uma espécie de herói mediano. Por fim, na terceira parte, serão discutidos o destino individual de Nael, as limitações sócio-históricas que se lhe impõem e como isso se relaciona com o problema mais amplo da representação desses limites na literatura brasileira.

1. Foco narrativo: as fontes de Nael

Na obra em análise, há somente uma voz narrativa: a de Nael. Apesar disso, sua composição e organização são de grande riqueza. Isso porque o romance se constrói sobre o que sabe o narrador acerca da história da família, e, porque Nael é narrador-personagem, há limites a esse conhecimento próprios de sua condição.

Os pedaços de que se compõe essa narrativa foram extraídos aos poucos, ao longo de toda a vida, pelo narrador. Sua posição oblíqua, enviesada, por vezes desconfiada das relações familiares que descreve, não o impede de buscar constituir um retrato dos fatos que ouviu e presenciou.

Nael não é um narrador onisciente, mas um personagem como todos os outros, embora menos atuante na trama da narrativa. Seu conhecimento sobre a história da família limita-se àquilo que lhe foi contado e ao pouco que presenciou. Quem atentar para esse fato aparentemente banal é obrigado a perguntar-se como ele pode conhecer tão bem, e em tanto detalhe, o que narra. Isso porque grande parte dos fatos narrados aconteceu antes que ele nascesse, ou quando era jovem demais para ter recordações vívidas a respeito. Há, no romance, uma série de marcas textuais que demonstram de que forma Nael tomou conhecimento daquilo que narra. Essas marcas concedem grande riqueza ao texto, pois, ao evidenciar a fonte, o narrador mistura os diferentes planos narrativos, em situações nas quais conta a história principal ao mesmo tempo em que narra a ocasião em que ouviu o fato, como demonstra o seguinte trecho:

'Chorava que nem uma viúva', disse-me Halim. 'Se esfregava nas roupas do pai, cheirava tudo o que tinha pertencido ao Galib. Ela se agarrou às coisas, e eu tentava dizer que as coisas não têm alma nem carne. As coisas são vazias... mas ela não me ouvia.' Halim tragou, expeliu fumaça pelas narinas, tossiu ruidosamente. De novo, silenciou, e dessa vez eu não soube se era esquecimento ou pausa para meditar (HATOUM, 2005, p. 42-43, grifo próprio).

Foram identificadas três fontes importantes que permitiram a construção da narrativa. São elas Domingas, Halim e a própria presença de Nael nos fatos acontecidos posteriormente. Além dessas, há um curto trecho da narrativa de que Nael toma conhecimento por meio de Rania, que diz respeito a ela exclusivamente e que tem importância periférica para a trama.

Domingas

A lógica escravista da família aparece claramente na relação com Domingas. Embora não a considerem propriamente um membro da família, não se sentem constrangidos de demonstrar diante dela seus comportamentos mais íntimos. Esse desembaraço permite que a empregada conheça muito bem a vida familiar, como o próprio narrador reconhece no seguinte trecho:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. [...] Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela. *A minha história também depende dela, Domingas* (HATOUM, 2005, p. 20, grifo próprio).

Há diversos fatos importantes para a construção da narrativa que vieram do conhecimento de Domingas acerca da convivência familiar, mas, talvez, os mais importantes sejam os pensamentos íntimos de Yaqub. O primogênito é sempre descrito como um homem fechado e lacônico, mesmo com os pais, de quem se ressentia por ter

sido mandado ao Líbano por muitos anos depois de uma briga com o irmão. Domingas, alguns anos mais velha que Yaqub, cuidou do menino desde cedo, enquanto a mãe se ocupava de Omar. Essa cumplicidade durou toda a vida, apesar dos limites impostos pela diferença social entre os dois. De todo modo, os poucos pensamentos íntimos de Yaqub a que Nael tem acesso vêm de Domingas:

Seria a primeira noite de Livia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. [...] Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odio o baile, 'odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite', *contou Yaqub a Domingas* na tarde da Quarta-feira de Cinzas (HATOUM, 2005, p. 15-16, grifo próprio).

Sem acesso ao íntimo do primogênito, seria impossível justificar qualquer conhecimento de Nael acerca da rivalidade entre os irmãos, uma vez que os outros membros da família não falavam a respeito do tema. É provável, mesmo, que Domingas conhecesse Yaqub melhor que seus pais, o que a torna peça essencial para a construção da narrativa.

Halim

O relacionamento de Nael com Halim é interessante e complexo. À medida que a narrativa se desenvolve, a afeição mútua torna-se mais evidente, assim como se evidencia que Halim é a principal fonte da narrativa tecida por Nael. Ao final do romance, não resta dúvida de que Nael é neto de Halim e de Zana, embora não seja possível determinar qual dos gêmeos é seu pai. Esse fato causa, ou deveria causar, estranhamento ao leitor, pois não é possível ignorar que a família tratou um de seus membros – cujo não reconhecimento é justificado pela mentalidade classista e hipócrita da sociedade – como um capataz.

Nael realiza todos os serviços de manutenção da casa; talvez por isso, na narrativa, o leitor custe a dar-se conta da posição do narrador na família. Não há reconhecimento explícito dos laços de sangue, como se pode inferir da seguinte passagem: “[Halim] Calou sobre o episódio da cicatriz. *Calou também sobre a vida de Domingas*. No entanto, depois de insistir muito, arranquei dela alguns minutos de confissão” (HATOUM, 2005, p. 53, grifo próprio). A família parece ter acordado que não falaria do assunto, que não reconheceria o fato de um dos gêmeos ter engravidado uma mulher abaixo de sua classe.

O silêncio acerca da genealogia do narrador contrapõe-se, no entanto, ao carinho que Halim demonstra pelo neto. Há trechos ao longo de todo o romance em que Nael

recebe pequenos agrados, pequenas demonstrações de afeto do avô. Outra demonstração desse afeto é a cumplicidade mútua, o conforto mútuo da convivência entre avô e neto. Afinal, se Halim não tinha um bom relacionamento com os filhos, encontrou em Nael a maneira como continuar sua história, como imortalizar seus feitos, como ser lembrado.

Toda a história ocorrida antes do nascimento dos gêmeos foi-lhe transmitida pelo avô, em suas longas conversas. A vida de Zana antes do casamento, a conquista amorosa que os levou ao matrimônio, os primeiros anos de casados, a chegada de Domingas à casa, todos esses episódios são contados por Halim. Percebe-se como Halim se sentia à vontade com Nael em trechos como: “Enfim, Halim decidiu agir, cheio da coragem exacerbada pelo vinho. *Ele se exaltava quando, nas nossas conversas, me contava os detalhes da conquista amorosa*” (HATOUM, 2005, p. 38, grifo próprio), ou:

Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopeia de gozo e riso (HATOUM, 2005, p. 41).

Testemunho de Nael

O envolvimento de Nael na história é o elemento mais importante para a composição da narrativa. Isso porque muitos dos juízos que ele faz acerca dos outros personagens, mesmo quando trata de eventos anteriores a seu nascimento, são baseados em seus sentimentos em relação a eles. A própria vontade de contar a história depende, em última instância, desse envolvimento.

As marcas textuais que explicitam o narrador são mais claras, mais facilmente identificáveis que as demais, mas, como a história é contada a partir de sua perspectiva, o envolvimento emocional (muitas vezes dubio) de Nael torna os trechos onde essas marcas se encontram mais ricos que os demais. Nesse sentido, desde o início o narrador confessa sua posição oblíqua na narrativa:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. *Sim, de fora e às vezes distante*. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final (HATOUM, 2005, p. 23, grifo próprio).

De fato, Nael assistia ao desenrolar da trama de fora, sem envolver-se muito. Apesar disso, não é possível afirmar que ele não esteja envolvido. Quando diz que observava “às vezes distante”, quer dizer que, em muitos momentos, estava próximo dos acontecimentos. Logo no segundo parágrafo do romance ele relata: “Sei que um dia

ele vai voltar', Zana me dizia *sem olhar para mim, talvez sem sentir a minha presença*, o rosto que fora tão belo agora sombrio, abatido" (HATOUM, 2005, p. 9, grifo próprio). Conta, também: "Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela" (HATOU, 2005, p. 28). Há no narrador sentimento de insignificância, como se Zana não se dirigisse a ele por não considerá-lo suficientemente importante. Esse elemento está presente em todo o romance, e parece gerar a dubiedade que dá o tom amargo da narrativa e a própria posição transversal do narrador perante ela. Isso porque Nael se esforça para contar uma história na qual não sabe como faz parte. Conta, mas não está certo de seu papel na trama que se desenrola.

Interessante atentar ao fato de que sequer a demonstração final de afeto de Zana muda a desconfiança com que Nael narra a história da família. Acerca da última vez em que se viram, o narrador declara:

Depois eu soube da hemorragia interna, e ainda a visitei numa clínica no bairro de Rânia. Ela me reconheceu, ficou me olhando. Então soprou nomes e palavras em árabe que eu conhecia: a vida, Halim, meus filhos, Omar. Notei no seu rosto o esforço, a força para murmurar uma frase em português, como se a partir daquele momento apenas a língua materna fosse sobreviver. Mas quando Zana procurou minhas mãos, conseguiu balbuciar: Nael... querido... (HATOUM, 2005, p. 189).

Essa justificada desconfiança que permeia a narrativa traduz-se nos parágrafos finais do romance, quando Nael encontra Omar, possivelmente seu pai, e o homem que estuprou sua mãe, pela última vez:

Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançou mais um pouco e estacou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. Não pude ver com nitidez o seu rosto. Ele ergueu a cabeça para a copa que cobria o quintal. Depois virou o corpo, olhou para trás: não havia mais alpendre, a rede vermelha não o esperava. Um muro alto e sólido separava o meu canto da Casa Rochiram. Ele ousou e veio avançando, os pés descalços no aguçal. Um homem de meia-idade, o Caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão (HATOUM, 2005, p. 198).

Fica clara, nesse trecho, a relação conflituosa de Nael com sua família. O homem que, durante toda sua vida, submeteu-o a situações vexatórias, que o tratou como um serviçal, que violentou sua mãe, tem influência sobre o narrador. Embora haja, ainda, muito rancor, há, também, a esperança de redenção, de reconciliação.

Diante dessa breve exposição dos problemas fundamentais do foco narrativo na obra, pode-se afirmar que a posição de Nael perante a família é ambígua e transversal. Dessa relação, também é possível identificar que o narrador toma por vezes a posição de mero observador, porém age como membro da família em outros momentos.

Em “Narrar ou descrever?”, György Lukács afirma que o contraste entre participar e observar deriva da posição assumida pelo escritor diante da vida, mas que nem um nem outro fenômeno se encontra puro em uma obra de arte. Afirma ainda que o método descritivo como princípio fundamental da composição do romance moderno surge para caracterizar corretamente as novas formas que se apresentaram na vida social à época (LUKÁCS, 2010, p. 155). No entanto, a elevação do método descritivo ao posto de principal método de composição, problema que Lukács aponta nas obras de grandes escritores como Zola e Flaubert, está diretamente relacionada à posição sócio-histórica do escritor perante os grandes problemas de sua época. No caso destes, relaciona-se à capitulação na luta contra o sistema capitalista e a hegemonia social e política da burguesia na Europa pós-1848. Esse método de composição exprime a solidão, que os torna meros observadores críticos da sociedade burguesa (LUKÁCS, 2010, p.157).

Partindo do pressuposto segundo o qual todo novo estilo surge da vida (idem, p. 157), conclui-se que o foco narrativo construído em *Dois Irmãos* tem elementos da categorização de Lukács, mas também apresenta especificidades do contexto sócio-histórico em que foi produzido. Em alguns momentos, Nael é mero observador; em outros, participa, toma iniciativa, age. A narrativa oscila entre descrever o caos da família por um lado, e narrar o desenrolar dos conflitos por outro.

Roberto Schwarz, em seu artigo “A Viravolta Machadiana”, analisa de que forma a obra de Machado de Assis, em especial a mudança de foco narrativo no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, representou uma grande inovação. Ele afirma que o novo foco narrativo é um princípio formal, apresentando um narrador “humorística e agressivamente arbitrário” (SCHWARZ, p. 2), no qual se revelam toda a vileza da classe dominante e o mal estar dos dependentes em relação aos proprietários. Schwarz ainda afirma: “A prosa desrespeitadora, de tom elevado e antimaterialista, sempre calando o essencial, expressa a vários títulos o *beco sem saída histórico* em que se encontra o dependente” (SCHWARZ, p. 10, grifo próprio).

Esse problema, que persiste na sociedade brasileira, está posto na obra de Hatoum com a devida adequação. Embora a situação do agregado no século XX não seja exatamente a mesma que a de um oitocentista, a possibilidade de ascensão ainda é tímida, e a falta de um horizonte claro de superação dessa contradição fundamental da sociedade brasileira permanece, o que aprofunda o sentimento de impossibilidade de ação que, por vezes, desponta na obra.

O narrador aparece como mero observador no início, sem marcar sua presença como personagem na trama. Embora as marcas de primeira pessoa estejam presentes desde o prólogo, apenas no final do primeiro capítulo apresenta-se como personagem, e apenas no quarto capítulo descobre-se quem ele é na narrativa. Portanto, a posição de mero observador muda aos poucos. Nael descreve suas conversas, seus trabalhos domésticos, a relação com os estudos e com a família, suas jornadas em busca de Halim. Ao fim da vida, Halim desaparece com frequência nas noites de Manaus, e o único que consegue encontrá-lo é o neto. Este último aspecto é especialmente importante porque demonstra o afeto e a cumplicidade de Nael com o avô, inserindo-o na família e, conseqüentemente, tornando-o agente da história que observou de fora durante toda a vida.

Desse modo, a categorização de Lukács não pode ser aplicada à obra sem as devidas adequações. O problema da impossibilidade de ação, imposta aos autores europeus pós-1848, aparece na obra de outra forma: um menino mestiço, filho da empregada com um dos patrões, impossibilitado de superar sua posição subalterna perante a própria família, posição imposta pelo abismo entre as classes na sociedade brasileira. Essa posição ambígua aparece na organização da narrativa em momentos nos quais Nael se coloca como mero observador, e outros em que é agente, conforme apresentado anteriormente.

2. Um herói mediano na periferia

O romance *Dois Irmãos*, que foi publicado inicialmente em 2000, se passa na cidade de Manaus, entre as décadas de 1910 e 1970 ou 1980. A História, portanto, está presente em toda a trama. Fatos históricos como a Segunda Guerra Mundial e o Golpe de 1964 marcam a narrativa. Além disso, o problema do desenvolvimento desordenado de Manaus, que passa de idílio amazônico ao caos à medida que populações pobres expulsas do interior pelo fim do ciclo da borracha se instalam na cidade, está posto ao longo de todo o romance.

A presença da História em uma obra literária pode dar-se ou apenas como mera roupagem histórica e pitoresca, mas com a moral da época em que foi escrita, ou pode surgir organicamente quando a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade de seu tempo. Para Lukács, em sua obra *O Romance Histórico*, apenas a

segunda possibilidade pode ser considerada um romance histórico (LUKACS, 2011, p. 34).

Nessa obra, o filósofo discute como os escritores ingleses elevaram sua capacidade de plasmar, por meio da literatura, a evolução histórica da sociedade. Para Lukács, o grande romance social inglês, no século XVIII, intuiu a História na figuração da realidade na obra, mas não a reconheceu como um processo, uma precondição concreta do presente (LUKÁCS, 2011, p. 36). Foram as rápidas mudanças causadas pelas revoluções, a partir de 1789, que apagaram nas massas a ideia de que a sociedade evolui de forma natural, o que tornou o caráter histórico das revoluções muito mais visível. Lukács acrescenta:

Se a essa experiência vem unir-se o reconhecimento de que tais revoluções ocorrem no mundo inteiro, fortalece-se extraordinariamente o sentimento de que existe uma história, de que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por fim, de que ela interfere diretamente na vida de cada indivíduo (LUKACS, 2011, p. 38)

A História está presente no romance *Dois Irmãos* porque os grandes acontecimentos da vida social do Brasil do século XX mudam o destino dos personagens. Yaqub, por exemplo, passou muitos anos no Líbano porque, quando chegou ao país, estourou a Segunda Guerra Mundial, e o Mar Mediterrâneo tornou-se um campo de batalha, impossibilitando seu retorno. Não coincidentemente, o primogênito retorna em meio às comemorações do fim da Segunda Guerra. O romance, inclusive, inicia da seguinte forma: "Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. O cais da praça Mauá estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália" (HATOUM, 2005, p. 13). A estada prolongada de Yaqub em decorrência da guerra é motivo de discórdia entre Zana e Halim. Zana, que sequer queria que o filho deixasse Manaus, não consegue conformar-se com a ausência, a qual poderia ter sido de um ano, mas, por causa da guerra, prolonga-se por seis. A ausência de Yaqub na casa, além de criar atrito entre o casal, tornou o primogênito um homem calado e distante da família e abriu espaço para que o caçula expandisse sua personalidade vil e mesquinha.

Este é um dos muitos possíveis exemplos de como os fatos históricos interferem na vida dos personagens, e sugere que a obra pode ser uma espécie de romance histórico. A História também aparece na questão da imigração árabe, na decadência econômica do Norte devida ao fim do ciclo da borracha, no frenesi especulativo de conglomerados estrangeiros depois do golpe de 1964. Todas essas questões se apresentam aos personagens, em maior ou menor grau, como dilemas reais das gerações

que se sucedem no romance, não apenas como mera roupagem pitoresca. Nael nasce em meio a esse caos, sob a influência de todas essas questões. Para ele, a questão mais importante que se apresenta é o horizonte do trabalho livre e a superação da posição de agregado de sua família de sangue. Esse problema e seus limites serão tratados na última parte deste trabalho.

O meio caótico e o silêncio em torno das origens de Nael, a dificuldade de identificar sua posição perante a família e a sociedade brasileira, sugerem que o narrador-personagem pode ser uma espécie de herói mediano. Esse conceito é usado por Lukács para analisar os protagonistas do escritor inglês Walter Scott, primeiro expoente do romance histórico na Inglaterra. De acordo com Lukács: “Ele [Scott] procura o ‘caminho do meio’ entre os extremos e esforça-se para demonstrar sua realidade histórica pela figuração ficcional das grandes crises da história inglesa” (LUKÁCS, 2011, p. 49).

Ainda de acordo com Lukács:

Os heróis scottianos têm, como personagens centrais do romance, função oposta [à dos heróis da epopeia]. Sua tarefa é mediar os extremos cuja luta ocupa o romance e pela qual é expressa ficcionalmente uma grande crise da sociedade. Por meio da trama, que tem esse herói como ponto central, procura-se e encontra-se um solo neutro sobre o qual as forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si (LUKÁCS, 2011, p. 53).

Nos romances de Scott, os conflitos estão ligados ao embate entre as diferentes vertentes sócio-históricas em luta pelo poder político no que viria a ser a Inglaterra moderna. É preciso lembrar, no entanto, que ao longo da evolução histórica do Brasil, nunca se apresentou com tamanha clareza a possibilidade de mudanças tão profundas quanto as narradas na obra de Scott. O problema do marasmo sócio-político, da ausência de um horizonte claro de superação das contradições fundamentais que permeiam a sociedade brasileira, requer pensar o herói scottiano com as devidas adequações.

O imenso poder das elites nacionais sobre os destinos do Brasil nunca abriu a possibilidade de lutas entre classes para a tomada do poder político. Apesar disso, a sociedade apresenta diferentes tendências. Para auxiliar a análise, foram utilizadas as categorias do “trabalhador” e do “aventureiro”, tipos sociais que o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda apontou em sua obra “Raízes do Brasil”. Buarque de Holanda descreve o aventureiro da seguinte forma:

Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim (Holanda, 2010, p. 44)

Por outro lado:

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele (Holanda, 2010, p. 44)

Enquanto o trabalhador vê primeiro as dificuldades a serem superadas e carrega valores como a constância, a segurança pessoal, a estabilidade e a ideia de que a parte é maior que o todo, o aventureiro vê primeiro a recompensa e carrega os valores da inconstância, da irresponsabilidade, da imprevidência, da audácia, do heroísmo e da vagabundagem (HOLANDA, 2010, p. 44). *Grosso modo*, Yaqub encaixa-se no tipo trabalhador; Omar, no aventureiro. O seguinte trecho ilustra esse contraste:

Não, fôlego ele [Yaqub] não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, aguentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. O Caçula tomava impulso, pulava, rodopiava no ar como um acrobata e caía de pé, soltando um grito de guerra e mostrando as mãos estriadas. Yaqub recuava ao ver as mãos do irmão cheias de sangue, cortadas pelo vidro do cerol (HATOUM, 2005, p. 17-18)

O sociólogo afirma, no entanto, que entre esses dois tipos não há oposição absoluta, mas incompreensão radical, o que se aplica muito bem à relação dos gêmeos. Nael pode ser uma espécie de herói mediano da periferia porque cresce sob a influência de três grandes forças, representadas por três indivíduos importantes para sua história: Yaqub, Omar e Domingas.

O narrador encontrou Yaqub pessoalmente poucas vezes, pois este se mudou para São Paulo quando aquele ainda era muito jovem. Por isso, cresceu vendo fotos e ouvindo a leitura das cartas que o primogênito enviava. Yaqub é calado, objetivo e estudioso, mas também reacionário, inclusive com indícios de que apoiava a ditadura militar; Omar, ao contrário, é expansivo e desregrado, mas tem, pelo menos na aparência, visões de um progressismo contraditório. Representa a visão da casa grande, mas faz defesa - mesmo que superficial - de valores democráticos e é crítico da ditadura militar, o que pode ser herança de sua amizade com o professor de francês do colégio,

Antenor Laval. Domingas, por fim, tem certo grau de resignação em relação a seu destino. Representa a melancolia da aculturação e o trabalho incansável. Embora diferentes, Yaqub e Omar representam indiscutivelmente uma visão de casa grande. Domingas, por outro, representa a visão dos explorados. Nael apresenta-se na narrativa como uma pessoa calada, objetiva e estudiosa, assim como Yaqub; progressista e crítico da ditadura como Omar; trabalhador e melancólico como Domingas.

Ainda n'*O Romance Histórico*, Lukács afirma:

Como os representantes dessas potências [diferentes vertentes sociais nas obras de Scott] são em geral partidários apaixonados de suas tendências, há o perigo de que a luta se torne apenas a destruição externa, incapaz de despertar ao leitor a compaixão e a empatia humanas. Scott escolhe sempre personagens que, por seu caráter e destino, põem em contato os dois lados do conflito (LUKACS, 2011, p. 53)

A rivalidade entre os gêmeos, que Yaqub descreveu como um conflito "bíblico", e o abismo social entre Domingas e a família impõem uma distância entre esses indivíduos, e entre os tipos sociais que representam, que seria intransponível não fosse a presença de Nael. O narrador, na dúvida de quem será seu pai, coloca os gêmeos em contato, construindo uma narrativa sobre as muitas consequências dessa rivalidade. Além disso, amolece, mesmo que aos poucos e timidamente, a hierarquia imposta a Domingas, e chega a obter um destino muito mais digno que o de sua mãe, como será discutido na última parte do trabalho. Nessa perspectiva, Lukács escreveu:

Na realidade histórica, grandes parcelas da nação sempre mantiveram simpatias constantes ou flutuantes por um lado ou outro. E foram precisamente essas simpatias flutuantes que com frequência desempenharam um papel decisivo para a saída real das crises (LUKACS, 2011, p. 54)

O herói mediano representado por Nael é um brasileiro que incorpora todas as contradições de seu sistema social. É fruto de uma violência sexual e foi submetido, assim como sua mãe, a uma relação abusiva de superexploração do trabalho. No entanto, é um indivíduo muito mais evoluído que seus antepassados. É, indiscutivelmente, uma pessoa melhor, mais comedida e mais crítica que qualquer um de seus dois possíveis pais; tem mais sensibilidade à dor humana e percebe as relações contraditórias que reinavam em sua casa. Além disso, teve muito mais oportunidades que sua mãe e, mesmo que timidamente, conseguiu um nível de educação com que esta jamais poderia sonhar. Embora o termo simpatia não possa ser utilizado para descrever o sentimento de Nael com qualquer um dos gêmeos, ambos tiveram influências sobre ele. Essa relação ambígua do narrador com todas as vertentes a que foi exposto durante sua criação criou o indivíduo capaz de fazer a síntese crítica de toda sua história, de buscar uma saída real para a crise de sua família. Seus familiares não puderam sair da

crise: todos tiveram fins trágicos, sozinhos e repletos de melancolia e rancor. Nael, no entanto, representa a possibilidade de alguma forma de superação, de esperança para resolver as crises geradas pelas persistentes contradições da sociedade brasileira.

3. O destino de Nael e o destino do Brasil

O desfecho do romance traz todas as tragédias já anunciadas desde o início. Com a morte de Halim e de Zana, o cisma entre os irmãos confirma-se como uma inimizade irreconciliável, e Yaqub comete todas as atrocidades contra Omar que deixou de cometer enquanto os pais estavam vivos.

Yaqub é um engenheiro aparentemente influente em São Paulo, e suas raras visitas a Manaus depois que se casou e se estabeleceu vão demonstrando suas conexões escusas. Ele iniciou sua carreira como militar, portanto há indícios de envolvimento com - ou no mínimo apoio ao - golpe de 1964 e os projetos de modernização e integração impostos pelo poder central à Amazônia. Desse modo, Yaqub é o representante da ideologia desenvolvimentista, que retorna à casa para trazer o “progresso” para a periferia. O trabalhador, conforme apresentado anteriormente.

Dois episódios ilustram esse fato. O primeiro é a modernização da loja do pai. Depois que Rania assume definitivamente os negócios da família, expande a loja e passa a vender produtos além daqueles vendidos tradicionalmente por Halim. Embora não fique explícito, sugere-se que essas novidades são influência de Yaqub. O segundo é a construção do hotel à beira do Rio Negro. Este episódio é central para compreender a batalha final entre os gêmeos, o destino da casa da família e, conseqüentemente, o destino de Nael.

Omar entra em contato com um especulador indiano chamado Rochiram, que está buscando um terreno à beira-rio para construir um hotel de luxo em Manaus. O caçula aproveita seu conhecimento da cidade e suas relações para ajudar o indiano a navegar as dificuldades que se apresentam, em troca de uma parcela dos lucros, ação típica de um aventureiro, conforme desenvolvido anteriormente. Nesse processo, o caçula apresenta o indiano à mãe, a qual, sempre tentando reconciliar os filhos, sugere que Yaqub faça o projeto do hotel. Seria, na lógica de Zana, a forma de os gêmeos resolverem seus problemas trabalhando juntos.

A rivalidade, no entanto, fala mais alto, e Omar espanca Yaqub e destrói os projetos do irmão na primeira ocasião que se apresenta. O negócio com o indiano se

desfaz e, para ressarcir o prejuízo causado pelo irmão, Yaqub negocia a casa da família. Desse modo, consegue excluir Omar do negócio com o indiano e acabar com o patrimônio deixado pelos pais, tirando toda possibilidade de sustento do irmão. A vingança de Yaqub contra Omar foi cirúrgica, e conseguiu causar danos muito profundos e permanentes. A casa da família torna-se uma espécie de loja de departamento, chamada Casa Rochiram.

O triste desfecho da rivalidade entre os gêmeos demonstra que Yaqub sabe ser tão perverso e vingativo como Omar, capaz de atos talvez até mais vis que este. Em sua vingança, Yaqub expulsou a mãe da casa onde viveu desde a infância, acabou com o patrimônio da família e condenou o irmão à indigência. Nesse processo meticulosamente calculado, lembrou-se de deixar a casinha dos fundos, onde Domingas viveu desde a infância, como uma espécie de herança a Nael.

Nesse estágio da trama, o narrador já tinha se tornado professor. Graças à suposta benevolência de Yaqub, Nael pôde estudar e formar-se, para que não tivesse o mesmo destino de Domingas. Existe, de alguma forma, uma preocupação de Yaqub com o futuro de Nael. Foi o primogênito quem fez alguns esforços para que o narrador pudesse seguir os estudos. Além disso, sempre trazia ao menino livros usados de cálculo, como que o incentivando a seguir o mesmo caminho que seguiu. Esses presentes são ambíguos, como tudo que Nael recebe da família. Primeiramente, porque Yaqub, do alto de sua arrogância, não consegue pensar que o caminho para o “sucesso” possa ser outro que não o seguido por ele. Pode-se inferir do texto - as relações com o professor de francês do colégio, por exemplo - que Nael é mais propenso aos estudos de ciências humanas ou letras do que à matemática. Por isso, os livros de cálculo do primogênito não servem muito para o sucesso de Nael.

O destino individual de Nael é condizente com a organização social do Brasil ao longo de todo seu desenvolvimento histórico. Embora a ideologia dominante no país repita à exaustão que todos são iguais perante a lei e que o caminho para o sucesso está no esforço pessoal, sabe-se que há limites muito claros impostos a indivíduos que nascem em determinadas posições sociais. O caso de Nael é emblemático porque retrata de forma muito realista o destino esperado de um "filho da casa" no século XX.

Enquanto vigia a escravidão legal no país, a rígida separação de classes impunha, de maneira sumária, a posição de escravo aos filhos das escravas, mesmo que estas tivessem engravidado dos senhores, no entanto, a abolição criou a expectativa de mudança para essa situação. O horizonte do trabalho livre criou a esperança de que a

rígida sociedade de classes imposta no Brasil (o “beco sem saída histórico”) pudesse ser superada. Ao pensar em termos de laços familiares, em uma sociedade com valores burgueses, na qual todos os indivíduos deveriam ser iguais e livres, a posição social da mãe da criança não deveria influir na relação desta com a família do pai.

Domingas foi "adotada" por Zana na década de 1920, portanto mais de 30 anos após a assinatura da Lei Áurea. A própria forma como ela chegou à casa é indício de que a abolição no Brasil não proporcionou sequer o trabalho livre, quanto mais as relações de igualdade que prometia. A gravidez de Domingas por um dos filhos - e neste aspecto não importa quem seja o pai de Nael - revela a dificuldade de superar os padrões de sociabilidade escravistas no país.

Durante toda sua vida, Nael foi explorado pela família porque nasceu em uma posição social subalterna na casa. Porém, diferentemente do tratamento normal dado aos filhos das escravas no século XIX, manter Nael naquela situação torna-se cada vez mais difícil. Ao longo da narrativa, todos reconhecem que Manaus cresce. A voracidade do capital especulativo impõe ciclos econômicos em saltos na cidade. Com isso, a periferia do Brasil se moderniza, e as relações sociais devem adaptar-se também. O trabalho livre aproxima-se aos poucos. É Yaqub quem aponta essa contradição, ao dizer a Nael "Não podes passar a vida limpando o quintal e escrevendo cartas comerciais para Rânia" (HATOUM, 2005, p. 233). Essa frase é o prelúdio para a mudança de vida.

No entanto, essa mudança tem limites sociais muito específicos. Nael nasceu na segunda metade da década de 1940. O filho de uma cunhatã órfã na sociedade manauara dessa época não poderia aspirar à grandeza de Yaqub por exemplo. Não poderia tampouco esperar ser reconhecido pela família do pai e acabar detentor do sobrado da família. O narrador de *Dois Irmãos* não se tornou médico, engenheiro ou advogado; não herdou a casa de Zana e Halim. O que lhe foi concedido foi educação para tornar-se professor, alfabetização e carga de leitura suficientes para escrever um livro, além dos fundos da casa da família.

O destino de Nael, portanto, relaciona-se intimamente à evolução sócio-histórica do próprio Brasil, acolhendo as inovações que proporcionam crescimento produtivo e adequação ao mercado internacional, a fim de manter competitividade, mas transpõe suas relações de classe arcaicas a novas situações econômicas, históricas e sociais. O destino de Nael é, indiscutivelmente, melhor que o de Domingas. O trabalho livre se apresenta ao filho de forma como nunca se concretizou para a mãe. No entanto, a

proteção e as oportunidades concedidas ao filho de Domingas podem ser consideradas modestas e tímidas se tivessem sido concedidas ao filho de Yaqub ou de Omar.

A arte realista auxilia o indivíduo mergulhado no caos da cotidianidade a reconhecer, apontar e, por vezes, buscar a superação de situações de injustiça. Para ser realista, no entanto, deve conhecer os limites que a realidade objetiva impõe ao destino dos personagens. Em "Formação e Representação", Hermenegildo Bastos discute como a evolução da literatura brasileira foi encontrando, ao longo do tempo, formas mais adequadas para representar a realidade, dadas as especificidades do país. Para o autor, a representação literária também é uma forma de representação política (BASTOS, 2006, p. 92) e, em uma sociedade de maioria iletrada, a dicotomia narrador letrado *versus* personagem iletrado criou problemas de representação e eficácia estética que permanecem sem solução na atualidade. Isso acontece porque o distanciamento entre os representantes (escritores) e representados (personagens e tipos originários da vida social) impõe certos limites à possibilidade daqueles representarem satisfatoriamente estes.

Esse problema de representação, que é evidente no Romantismo e que foi amplamente discutido no Modernismo brasileiro, está colocado na obra *Dois Irmãos* de forma muito precisa e correta. Narrar um romance em primeira pessoa, pela perspectiva dos explorados, que represente corretamente a realidade é, no Brasil, uma tarefa árdua. O abismo social que ainda se impõe entre dominadores e dominados gerou a tendência histórica ao apagamento social de algumas classes, ou à representação caricatural e à atribuição de valores estranhos. A obra de Milton Hatoum está em diálogo íntimo com esse problema, mas o atualiza, inserindo-o em uma sociedade na qual a possibilidade de emancipação pelo trabalho livre é muito mais ampla, embora ainda modesta. O destino de Nael - professor, escritor, crítico das relações interpessoais que levaram ao seu nascimento - exprime a história de violência e de exploração que compõe a realidade brasileira; demonstra as graves injustiças cometidas e os limites que ainda vigem, sem, contudo, negar os avanços e as possibilidades de superação que surgem todos os dias.

Conclusão

A literatura capta o desejo e a necessidade histórica de que as situações de injustiça na sociedade sejam superadas. No Brasil, o domínio das elites nacionais foi sempre um freio muito forte para as possibilidades de mudança estrutural. Essa falta de

horizonte de mudança está representada em muitos momentos da grande literatura nacional.

Na obra analisada neste trabalho, esse problema está posto na própria estrutura, por meio do foco narrativo, que demonstra a relação incerta entre o narrador e os fatos narrados. O narrador-personagem Nael coloca-se na trama obliquamente, inserindo-se aos poucos na narrativa enquanto revela de que forma os fatos chegaram a seu conhecimento. Esse método vai trazendo à tona tanto os fatos quanto as relações sociais que lhe permitiram acesso às informações. Nesse sentido, a relação do narrador com sua mãe Domingas e seu avô Halim são fundamentais para entender os antecedentes do caos que reinava na casa em que nasceu. No entanto, a presença de Nael na casa é o aspecto mais importante para o desenrolar da trama.

Nael é uma lembrança viva e constante da perversa relação de dominação imposta a Domingas pela família. Explorado pelos próprios avós, o narrador oscila entre a mera observação e a participação na vida familiar. Essa participação aumenta à medida que ele cresce e torna-se capaz de resolver problemas na casa (lembre-se, por exemplo, as perambulações pelos bares de Manaus em busca de Halim), e é isso que erode aos poucos a hierarquia imposta a ele como indivíduo de uma classe inferior. O romance jamais perde de vista a estratificação da sociedade brasileira, mas à medida que a narrativa se desenvolve, Nael vai se tornando cada vez mais importante para o funcionamento da casa, e a contradição de mantê-lo na posição de capataz fica insustentável.

Nael também é perpassado por diversas tendências da incerta evolução histórica da sociedade brasileira, e ele carrega características tanto de sua mãe quanto de seus dois possíveis pais. O embate entre os gêmeos e o abismo social entre estes e Domingas sintetiza-se de alguma forma num indivíduo que conta a história de sua família como forma de tentar compreender como ele próprio se encaixa nela e na sociedade profundamente desigual que a gerou. Nessa perspectiva, o indivíduo Nael é uma evolução em relação à geração anterior, pois não tem a visão da casa grande, mas a senzala também não se lhe impõe por completo.

Esse indivíduo, que teve mais oportunidades que sua mãe, mas que não cresceu com os mesmos privilégios que seu pai, representa, na obra de arte, o novo. Nael é uma possibilidade de superação das contradições da sociedade brasileira, contudo, sofre com os limites impostos por ela, dada a baixa propensão à mudança que se apresentou historicamente no Brasil. A persistência das relações de classe baseadas na sociabilidade

escravista impôs a Nael uma convivência em posição subalterna com sua família, uma vez que a relação de hierarquia entre senhor e criados é mais forte que os vínculos de sangue. Seu destino individual demonstra esse problema, que está na própria gênese da formação social do país e ainda não foi superado.

Referências

BASTOS, Hermenegildo. Formação e Representação. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Brasília, n. 21, ano 15, pp. 91-112, 2006.

HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LUKACS, Gyorgy. Marxismo e Teoria da Literatura. 2ª Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

LUKACS, Gyorgy. O Romance Histórico. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

Schwarz, ROBERTO. A Viravolta Machadiana. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Schwarz,%20Roberto/Robert%20Schwarz%20-%20A%20Viravolta%20Machadiana.pdf>>. Acesso em 29/05/2019.